

A RELAÇÃO ENTRE POESIA, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA EM ANA MARTINS MARQUES

MARIANE PEREIRA ROCHA¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – marianep.rocha@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o pensamento de Giorgio Agamben (2009), o contemporâneo parece ser aquele que somente por um desencontro ou um desajuste comprehende o seu tempo. Assim, é possível perceber no *O livro das semelhanças* (2015) de Ana Martins Marques traços marcantes da contemporaneidade, já que a poeta estabelece um deslocamento nas discussões sobre memória que vêm sendo elaboradas nas últimas décadas.

Se, por um lado, discute-se a importância do rememorar a fim de se destacar o papel social da memória como permanente alerta do perigo de se repetir os erros do passado (como, por exemplo, a perspectiva de LaCapra (2009) acerca da importância de se escrever sobre o Holocausto), por outro lado, podemos considerar que a poesia de Ana Marques, voltada sobretudo para o esquecimento, instala-se na contramão daquela reflexão, ao propor que esquecer é uma dimensão importante e inerente do lembrar.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a poética de Ana Marques a partir desse duplo movimento da memória, constituído tanto pela lembrança quanto pelo esquecimento. Nesse sentido, discute-se, ainda, a relação de sua poética com a fotografia, sendo esta última entendida como um dispositivo ambíguo que tanto capta e preserva a memória (contribuindo para a lembrança) quanto evidencia e problematiza as possibilidades dessa memória (apontando para o esquecimento).

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse trabalho utilizou-se a metodologia bibliográfica na perspectiva dos estudos comparados. Além do levantamento inicial da fortuna crítica de Ana Martins Marques, e da consolidação do corpus de investigação, a pesquisa apoia-se, para a relação entre a poesia e a fotografia, nas abordagens de Roland Barthes e Susan Sontag, e, para a investigação dos sentidos e usos da memória, em LaCapra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dessa análise foi possível perceber que as temáticas do cotidiano, que ganham força na literatura do final do século XX estão bastante presentes na literatura de Ana Martins Marques. Em poemas como "Museu", a poeta estabelece uma espécie de elogio das coisas que nos são próximas e familiares. Essa perspectiva opõe-se ao senso-comum, frequentemente manifestado nas mais diferentes situações, de que os Museus são lugares em que se acolhem

apenas objetos relacionados aos grandes acontecimentos da História. Ana Marques, contudo, imagina a existência de um outro museu, que guardaria “momentos”. Ela não especifica quais momentos seriam esses, mas sabemos, por contraste, que seriam aqueles que normalmente não encontram lugar de destaque quando registramos nosso passado. Esse “inventário de instantes” guardaria os instantes mais banais, que passariam despercebidos para o historiador das “grandes histórias”.

O museu que Ana Marques deseja, é um museu que possamos nos apropriar, contar nossas memórias, narrar nossas subjetividades — momentos. Não o museu que encontramos nas cidades, que é da ordem do sagrado, que nos mostra justamente tudo aquilo que foi separado do nosso uso, já definido por Agamben como “a dimensão separada para a qual se transfere o que há um tempo era percebido como verdadeiro e decisivo, e agora já não é” (2007, p. 73). No mesmo sentido, vemos na continuação do poema, a poeta propondo a existência de “um monumento para eventos que nunca aconteceram”, “um depósito de detalhes”, “um álbum de fotografias nunca tiradas”.

Lacapra (2009) afirma que “a história pode nunca capturar alguns elementos da memória: o sentimento de uma experiência, a intensidade da alegria ou do sofrimento, a qualidade daquilo que acontece” (p. 34). É disso que Ana Marques fala em sua poesia: de subjetividades da nossa memória que os armazenadores da história (museus, monumentos, acervos, depósitos) não conseguem dar conta. Através de um convite ao cotidiano, ao detalhe, ao banal, ela busca ampliar uma visão de história (e de museu) para que nela possa caber também aquilo que normalmente não seria registrado, mas que contam muito sobre a nossa construção enquanto humanos.

Outro tema bastante recorrente em *O livro das semelhanças* é a passagem do tempo: suas consequências, de que forma isso afeta nossa memória e, ainda, aquilo que sobra depois da degradação inevitável que o tempo causa. Essas temáticas estão presentes em poemas como “Podemos atejar fogo” onde o eu-lírico ao se expressar através da primeira pessoa do plural enfatiza uma realidade que é vivida por todos nós, não somente pela poeta - ninguém está imune ao efeito que o decorrer dos anos tem sobre nossas vidas e corpos.

A fotografia aparece, dessa forma, como um mecanismo de preservação do tempo e da memória. Percebemos esse olhar de Ana Marques perante a fotografia em poemas como “Aparador”, onde o eu-lírico, em um sonho, após encontrar uma fotografia antiga da mulher com quem costumava se relacionar, reflete: “invejo a fotografia/ que se parece tanto contigo/talvez ainda mais do que tu mesma” (Marques, 2015, p. 85), mostrando assim que enquanto a fotografia registrou um momento na vida dessas mulheres e vai exibir durante anos a imagem de sua amante que a poeta guardou na memória, a amante, mulher real, envelheceu e já não se parece com a mulher jovem que o eu-lírico lembra.

Guardamos em nossos álbuns imagens que deixam de existir no mundo: pessoas que morreram, casas que ruíram, paisagens que foram alteradas. Embora a fotografia auxilie o processo de preservação, ela não impede a ação do tempo e atua como um simulacro, sempre anacrônica, sempre atrasada: um instante após a fotografia e a pessoa fotografada já não é a mesma. Como já afirmou Barthes “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (1984, p 13). Ainda no poema “Aparador”, em seus últimos versos, a poeta diz “sobre o aparador está tua fotografia/ que nos sobreviverá” (Marques, 2015, p. 85), apontando justamente para essa discussão: a fotografia irá mostrar por muitos anos pessoas e situações que deixarão de existir.

4. CONCLUSÕES

O *livro das semelhanças* é um livro denso, repleto de sentidos que nos levam a refletir sobre os mecanismos da memória, suas armadilhas, ou como a própria poeta chama, seus “buracos”. Ana Marques constrói seu caminho, neste livro, através de deslocamentos, daquilo que é inesperado: em relação à memória, o esquecimento; em relação à degradação, aquilo que resta; em relação às nossas decisões, aquilo que não fizemos; em relação à história, as subjetividades.

Para isso, a poeta usa uma linguagem coloquial, simples, direta. Vai conduzindo o leitor pela mão — entrega-lhe um mapa — por seus trajetos e quase o engana, faz pensar que vai ser um passeio tranquilo, e então o joga nos labirintos de questões difíceis de serem refletidas, como o envelhecimento, a perda, o impossível.

A fotografia, tema que perpassa todo o livro, parece ser o elo conector entre essas diferentes temáticas e, não poderia ser diferente, se apresenta múltipla em seus poemas. É dispositivo da memória, seu auxiliar, nos ajuda a lembrar daquilo que a mente já não é capaz. É também impossibilidade: conseguiremos fugir da banalização do mundo — é possível colocar em um álbum fotos não tiradas? Ou o que precisamos é, justamente, dar mais atenção aquilo que é banal, corriqueiro, registrar, em foto, aquilo que as exposições de arte não dão conta?

Essas são perguntas que ficam, mas sobretudo, fica fortemente a impressão de que a fotografia é também arquivo e, como tal, material frágil, que também não será imune ao tempo, se destruirá.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **Um elogio às profanações.** In: Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007.
- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.
- ASSMAN, A. **Espaços da recordação.** Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.
- DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LACAPRA, D. **Historia y memoria después de Auschwitz.** Buenos Aires: Prometo Libros, 2009.
- SONTAG, S. **Sobre a fotografia: ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.